



ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Tudo ou nada

Um pedido de vistas no Supremo Tribunal Federal (STF) durante o julgamento da retroatividade da nova Lei de Improbidade Administrativa pode complicar a vida de José Roberto Arruda (PL). Como a liminar que garantia a elegibilidade do ex-governador foi cassada ontem pelo ministro Gurgel de Faria, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), agora, Arruda precisa de um resultado definitivo apontando que suas condenações estão prescritas para garantir os direitos políticos.

Minervino Júnior/CB/D.A. Press



Mensagem no ouvido

Um dos motivos da briga entre Arruda e Gilvan Máximo na convenção conjunta do MDB, PP e PL, no último domingo, ocorreu porque o ex-secretário de Ciência e Tecnologia que é candidato a deputado federal pelo Republicanos estava no palco. Mas o partido dele não está fechado na coligação. Arruda e o presidente do MDB-DF, Rafael Prudente, disseram que ele não poderia fazer discursos, embora seja aliado do governador Ibaneis Rocha (MDB). Começou o empurra, e Gilvan disse algo no ouvido de Arruda. Foi aí que o ex-governador deu um bofetão em Gilvan, que tentou reagir, mas foi contido pela turma que estava ao redor.

Suspense até a convenção

O União Brasil marcou para quinta-feira a convenção regional que vai definir os rumos do partido nas eleições do Distrito Federal. A princípio, o caminho é o lançamento da candidatura do senador José Antônio Reguffe ao Palácio do Buriti. Mas as próximas 24 horas serão decisivas. O governador Ibaneis Rocha (MDB) segue tentando levar o União Brasil para sua coligação. Essa é uma jogada que pode facilitar sua reeleição. Em todas as pesquisas que circulam nas campanhas, Reguffe aparece em segundo colocado, com mais de 20% das intenções de votos, desde que o ex-governador José Roberto Arruda (PL) optou pela candidatura à Câmara dos Deputados.

Jefferson Rudy/Agência Senado



Sem liberdade para montar alianças

O governador Ibaneis Rocha tem um importante aliado na articulação com o União Brasil, o ministro da Justiça e Segurança Pública, Anderson Torres, que exerce influência na legenda. Mas essa aproximação pode ser facilitada pela própria insatisfação de Reguffe com o partido. Ele tinha um acordo fechado com a direção nacional do União Brasil em que ficou definido que ele teria liberdade para montar a chapa, com os nomes para vice e para o Senado, e escolher as alianças partidárias. O União Brasil, no entanto, quer uma pessoa afinada com o comando do partido, e o nome da preferência é o presidente regional, Manoel Arruda.

Na mão

Se Reguffe desistir de concorrer ou se não houver acordo com o União Brasil, muita gente vai ficar na mão. São pessoas que apostaram no projeto e se filiaram à legenda para seguir com o senador, que foi campeão de votos nas últimas eleições que disputou.

Divisão do poder

Outro motivo de insatisfação de Reguffe é a tentativa de estabelecer agora uma divisão do futuro governo, com áreas de atuação e secretarias carimbadas antes da vitória e até mesmo antes do início da campanha.

Luz no fim do túnel

O PP incluiu Rogério Rosso na nominata de deputados federais para as eleições de outubro. Mas Rosso não participou da convenção do partido, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, no último domingo. Nem ele nem Fernando Marques. Sinal de que, por ora, há crise. Mas ainda pode surgir um acordo.

Vinicius Cardoso Vieira/Esp. CB/D.A. Press



Reprodução/Instagram



Jurista consultada por Bolsonaro será candidata a deputada pelo PP-DF

A advogada Samantha Meyer-Pflug Marques, especialista em direito constitucional, será candidata a deputada federal pelo PP. Ela é a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Direito e Economia. Jurista conceituada, uma das personalidades ouvidas pelo presidente Jair Bolsonaro em temas como a graça concedida ao deputado Daniel Silveira, a advogada entrou no PP-DF com o marido, o empresário Fernando Marques, dono da União Química, que pretende ingressar na chapa de Ibaneis como candidato ao Senado ou suplente da deputada Flávia Arruda (PL-DF).

Justiça, paz e felicidade

O Espaço Cultural do Superior Tribunal de Justiça (STJ) sediará, hoje, o lançamento do livro *Justiça, paz e felicidade — O poder das virtudes*, de autoria do jurista Jackson Di Domenico, com apresentação do presidente do STJ, ministro Humberto Martins. O prefácio é assinado por Rossini Corrêa, professor e filósofo do direito. O livro considera a justiça, a paz e a felicidade como virtudes essenciais para que seja alcançada a dignidade humana, prevista na Constituição. Nesse sentido, a efetivação da dignidade é capaz de gerar comportamentos justos que trazem felicidade ao indivíduo e bem-estar social.



Reprodução

De acordo com a obra, o desenvolvimento dessas virtudes também favorece o regime democrático, com a formação de cidadãos e de autoridades empenhados na construção de uma sociedade mais livre, justa e solidária. Di Domenico foi desembargador do Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal (TRE-DF) entre 2017 e 2019.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

» Entrevista | MARIA PAULA FIDALGO (UNIÃO BRASIL), PRÉ-CANDIDATA

Com pretensão de concorrer este ano, atriz declarou que aposta na eleição do correligionário pelo DF e comentou os planos na política

“Reguffe será o próximo governador”

» ISAC MASCARENHAS*
» PABLO GIOVANNI*

No dia em que o União Brasil no Distrito Federal anunciou oficialmente a convenção do partido, marcada para quinta-feira, e confirmou José Antônio Reguffe como postulante ao governo local, a provável candidata pela sigla nestas eleições Maria Paula Fidalgo comentou as negociações em andamento. Ao programa CB.Poder — parceria do Correio com a TV Brasília —, a atriz afirmou que o partido tem dado total apoio ao senador, mesmo com as tratativas entre ele e integrantes de outras agremiações. “Esta semana é decisiva. Todos os partidos estão conversando com outros partidos. E isso aconteceu, também, no União (Brasil)”, disse à jornalista Ana Maria Campos. Confira os principais trechos da entrevista.

O que você achou da decisão do deputado federal Luciano Bivar, presidente nacional do União Brasil, de não ser mais candidato à Presidência da República e até de abrir a possibilidade de os estados e o DF se coligarem da forma

que quisessem, dando uma sinalização de que poderia até ajudar na eleição de Lula?

“Não vi dessa forma. Acho que ele recuou e abriu espaço para o partido ter um candidato ou uma candidata à presidência, o que eu acho ótimo. Estamos no momento das mulheres. A força feminina na política deve ser uma predominância nestas eleições. Vemos pela escolha do próprio Ibaneis (Rocha), que terá duas (mulheres) na chapa. Isso é uma tendência internacional. E chegou esse momento, também, na política brasileira. Por isso que estamos aqui, para fazer essa colaboração.”

Você nasceu em Brasília e passou a adolescência aqui. O que te traz de volta após tanto tempo fora?

Nasci em Brasília, sempre fui a “artista de Brasília” que foi para a tevê, o teatro. Agora, minha identidade é da “grande Brasília”. Chega de tratar Brasília como se fosse só o Plano Piloto e esquecer o que acontece em Ceilândia, no Sol Nascente. Temos de encarar Brasília como um todo. Não tem essa de “regiões administrativas”. Tudo é Brasília. Precisamos criar soluções para um todo e acolher todo mundo.

Ed Alves/CB/D.A. Press



O Reguffe postou no Instagram que teve problemas com o partido por estar conversando com outros candidatos e que foi pressionado a ser candidato a deputado federal. Houve um evento na sua casa em que ocorreu uma reconciliação. Você sente que o partido realmente vai apoiar ele?

Sim. O partido está apoiando e vai apoiar. Estamos em um momento propício. Em um segundo turno com Reguffe e Ibaneis, a gente — do Reguffe — aumenta imensamente, porque o Ibaneis tem muita rejeição, e o Reguffe, não. Ele (o senador) tem pessoas

que o respeitam de verdade. Esta semana é decisiva. Todos os partidos estão conversando com outros partidos. E isso aconteceu, também, no União. Estamos chegando a um momento em que aproveitamos a maré favorável e vamos implantar o Reguffe como candidato. Tenho convicção de que ele vai ser o próximo governador de Brasília.

E qual sua pretensão: deputada federal, senadora ou vice do Reguffe?

Eu cheguei ao Reguffe e falei que estava à disposição dessa frente ampla por Brasília. Pode

ser como senadora, como deputada federal ou como vice. Estou aqui porque acredito nessa conjuntura que está se formando. Eu me coloquei à disposição para ajudar da melhor forma possível. Esta semana, vamos saber. Por enquanto, eu ainda não sei.

Se você for vice, e o Reguffe eleito, como vocês vão trabalhar juntos e como pode ajudá-lo com a questão da fome, dos jovens que estão com problemas nas escolas, etc.?

Tratar Brasília como a grande Brasília, ter inclusão. Chega de excluir por credo, raça ou ideologia. Não tem isso com ninguém. Queremos incluir a cidade toda e criar possibilidades. Gerar emprego para combater a fome, retomar aquela visão de cidade incrível da época do JK (Juscelino Kubitschek), ver Brasília como uma esperança, como um polo. Integrar cultura — tanto DJs, atores, músicos — com a arquitetura para o turismo.

O turismo e a cultura são áreas que devem ser incentivadas?

Acho que precisam ser trabalhadas de forma a gerar empregos. Focar na saúde primeiro. É o Reguffe tem essa ideia. Vamos ter um

hospital bacana para quem faz parte da grande Brasília. Eu, como comunicadora, que acredito no simbólico e em narrativas, quero mostrar para o Brasil qual a vocação de Brasília. Temos de trazer os programadores de sistema, do mundo virtual, (deixar) os metaversos fazerem parte das escolas públicas. Esse (é um) projeto de inclusão, para produzir essa identidade brasiliense.

Você gostaria de participar da gestão dele? Se você for eleita parlamentar para o Congresso, vai se licenciar para participar do governo como gestora?

Acho difícil dizer isso. Quero e tenho condições de colaborar. Sou uma pessoa cheia de ideias e articuladora. Quando trabalhei em penitenciária, os chefes do tráfico falavam: “Deixa a Maria Paula entrar. Ela é sangue bom. Fazia piada na tevê”. E, depois, eu chegava a um lugar chiquérrimo, como uma empresa, e conversava com o CEO. Então, tenho muito acesso às pessoas, porque elas têm uma memória afetiva de mim. Eu entrava nas casas delas levando leveza, esperanças e uma crítica social.

*Estagiários sob supervisão de Jéssica Eufrásio